

## Percepções e reflexões em *O bife e a pipoca*, de Lygia Bojunga

*Perceptions and reflections in  
“O bife e a pipoca”, by Lygia Bojunga*

### **Angélica Pereira Martins Chagas**

Doutoranda em Estudos Literários – UFU.  
E-mail: angelicapereira@hotmail.com

### **Camila Pinheiro Soares**

Aluna do Ensino Médio – Colégio Educacional ABC/Anglo.  
E-mail: camilasoarespinheiroptc@gmail.com

### **Luana Silveira Sígoli**

Aluna do Ensino Médio – Colégio Educacional ABC/Anglo.  
E-mail: lucianalu0405@gmail.com

---

**Resumo:** Lygia Bojunga escreve de um jeito gostoso de ler, como se estabelecesse uma boa conversa com o leitor. É pela sua capacidade de discorrer sobre diversos assuntos sérios e reais na vida de crianças e jovens que a autora é uma excelente aposta para se trabalhar em sala de aula. O presente trabalho tem como objetivo, a partir da leitura do conto *O bife e a pipoca* de Lygia Bojunga, apresentar como a emancipação do leitor é importante e necessária, principalmente quando proposta em sala de aula. Foi realizada a leitura e análise do conto, além da leitura de textos críticos a respeito de Lygia Bojunga e seu livro *Tchau*. Também foi desenvolvida uma atividade em uma turma de sexto ano de Ensino Fundamental II.

**Palavras-chave:** Lygia Bojunga. Literatura infantil. Emancipação.

**Abstract:** Lygia Bojunga writes in a pleasant way of reading, as if establishing a good conversation with the reader. Due to her ability to discuss various serious and real issues in children and young people's lives, the author is an excellent bet for working in the classroom. The present work aims, from the reading of the short story “O bife a pipoca” by Lygia Bojunga, to show how important the emancipation of the reader is and necessary, especially when proposed in the classroom. The story was read and analyzed, in addition to reading critical texts about Lygia Bojunga and her book “Tchau”. An activity was also developed in a class of sixth year of Elementary Education II.

**Keywords:** Lygia Bojunga. Children's literature. Emancipation.

---

*Tuca e Rodrigo são personagens contrastantes, que muito pouco têm em comum, mas, na vivência de seus conflitos intra e interpessoais, constroem um elo possível, que, se não aproxima seus mundos, aproxima-os um do outro. (FIAMANCIONI, 2001, p. 3).*

A escritora Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932 e mudou-se com a família para o Rio de Janeiro quando

ainda era criança. Estudou teatro, trabalhou como atriz, além de se tornar uma grande escritora. Lygia Bojunga escreve de um jeito gostoso de ler, como se estabelecesse uma boa conversa com o leitor. Ela mistura o real com a fantasia e consegue abordar assuntos sérios e delicados, como o abandono (no conto *Tchau*, por exemplo) e a desigualdade social (no conto *O bife e a pipoca*, como será mostrado neste trabalho).

Em sua literatura infanto-juvenil, ela consegue falar sobre a morte, os desafios e as inseguranças ao crescer, a luta pela sobrevivência em meio à sociedade, a carência afetiva e os diversos tipos de preconceitos. É pela sua capacidade de discorrer sobre diversos assuntos sérios e reais na vida de crianças e jovens que a autora Lygia Bojunga é uma excelente aposta para se trabalhar em sala de aula.

### *O conto “O bife e a pipoca” – um passeio pela narrativa*

A narrativa de *O bife e a pipoca* começa com a carta do personagem principal Rodrigo, morador do Rio de Janeiro, para seu melhor amigo Guilherme, o qual se mudou para outra cidade, Pelotas, no Sul do Brasil. Na carta, Rodrigo diz que não fazia ideia de que o amigo tinha se mudado para tão longe e que nas férias de julho ele precisaria ir para o Rio para aproveitar o verão, já que no Sul sempre faz frio. Ele conta que o primeiro dia de aula foi estranho sem o amigo e se lembra de quando eles se conheceram na primeira série. Os amigos estudaram juntos até a quarta série e depois Guilherme foi embora. Ele também conta para o amigo que agora a escola dá bolsa de estudos para alunos sem condições financeiras e que, por meio dessas bolsas, entrou um garoto novo na escola. Na carta, Rodrigo diz:

Ah! mas tem uma novidade: nossa escola agora dá bolsa de estudo pra aluno pobre. E então tem também um garoto novo: bolsista. Ouvi dizer que ele mora na favela; se chama Turíbio Carlos; e sentou no mesmo lugar que você sentava. Mas não falou nem olhou pra ninguém. (BOJUNGA, 2009, p. 45).

Neste primeiro capítulo do conto, é possível perceber que Rodrigo nutre uma curiosidade em relação ao aluno novato da turma, já que aborda o assunto com seu amigo Guilherme. O personagem Guilherme é um amigo distante que continua mantendo contato com Rodrigo através de cartas, percebemos isso, pois, ao longo da narrativa, existem pausas destinadas à transcrição de algumas cartas.

Já o segundo capítulo se passa na sala de aula, onde o professor de geografia pergunta ao aluno novo qual o seu nome e ele responde “Turíbio Carlos”, mas ressalta que todos em sua casa o chamam de “Tuca”. O professor diz que, se ele quisesse o apelido, poderia ser usado na escola também. Nessa parte do conto, é perceptível que o professor apresenta uma atitude de inclusão, fazendo com que o menino novato se sinta acolhido na sala de aula.

Turíbio Carlos passa a chamar-se Tuca, uma redução do nome de registro, poderia ser chamado de Carlos, mas “Tuca” evidencia sua classe inferior, ao passo que Ricardo mantém sua identidade, ao menos a social, porque ele também vai em busca de seu autoconhecimento, de seu “eu”. Tuca sai de uma escola

pública e vai para a particular, onde o ensino é considerado mais forte. Esse é o primeiro ato de aproximação. (FIAMANCIONI, 2001, p. 3).

Logo na sequência, a turma começa a rir, pois era a primeira vez que eles ouviam o garoto falar; ele não interagia com nenhum grupo e durante o recreio ficava estudando sozinho. Tuca ficou constrangido por achar que estavam rindo do nome dele. Enquanto isso, Rodrigo saiu para o recreio e voltou com um sanduíche. Tuca, que havia ficado quieto na sala, encarou o sanduíche do colega, mostrando que estava com fome e não conseguia desviar o olhar do lanche. Rodrigo percebeu e tomou uma atitude:

Rodrigo oferece seu sanduíche ao Tuca. Nessa oferta, faz-se a ponte entre os dois mundos. Na descoberta de suas diferenças, surge uma ligação pessoal que desperta, em Rodrigo, a consciência de si como outro. A alteridade do sujeito constituído como ser-no-mundo cria uma rede dialógica construída a partir da interação que se consolidará no decorrer da textualidade. (FIAMANCIONI, 2001, p. 2).

É nesse momento da narrativa que o leitor percebe a grande diferença entre os protagonistas da história. A desigualdade social é explorada apresentando um aluno endinheirado e um aluno sem condições mínimas de se alimentar no momento do lanche. Rodrigo percebe que o menino estava com fome e lhe oferece o sanduíche, Tuca fica sem saber o que falar, mas acaba dizendo que sim. “Pegou o sanduíche com as duas mãos. Olhou pro pão. Cravou o dente” (BOJUNGA, 2009, p. 48). Rodrigo saiu da sala sem dizer nada e voltou com mais dois sanduíches, entregou um para Tuca e comeu o outro. Tuca, que nunca havia conversado com nenhum colega da turma, disse que nunca viu tanta manteiga e tanto queijo em um só pão. As palavras “cravou o dente” já nos mostra o quanto sua fome era gigantesca naquele momento; a voracidade com que devora os sanduíches nos faz pensar no possível grande espaço de tempo que o personagem estaria sem se alimentar.

Os meninos começaram a conversar. Primeiro perguntaram a idade de cada um. Rodrigo tinha 11 anos e Tuca iria fazer 14 anos. Rodrigo estranha a idade do amigo, pois ele não aparentava ter essa idade já que era muito miúdo. Ele tinha essa aparência de “miúdo”, provavelmente pelas condições de miséria ao qual era submetido, pois aparentemente não se alimentava direito em sua casa e tinha que trabalhar após a aula para ajudar financeiramente a família.

Enquanto comiam, Tuca contou para Rodrigo que, na antiga escola, era um dos melhores alunos e, por isso, conseguiu ganhar a bolsa de estudos. Assim, podemos perceber que, mesmo em condições precárias, ele sempre foi um menino dedicado, esforçado, em busca de um futuro diferente do que está habituado. “– Escola de rico’ feito a gente diz. – Suspirou: o sanduíche tinha acabado.” (BOJUNGA, 2009, p.49). Nesse momento que Tuca diz que está com dificuldades na matemática, que acha que não vai conseguir acompanhar a turma por ela estar mais adiantada do que ele. Rodrigo perguntou se ele já havia feito o trabalho de matemática e o ajuda na tarefa.

Nos dias seguintes, Rodrigo ficava durante todo o recreio explicando a matéria para o Tuca. Era a primeira vez que ele dava aula para alguém e ele estava gostando de

ajudar o colega com a matemática. Tuca chegou a dizer para Rodrigo que ele poderia ser professor no futuro.

A autora nos mostra várias evidências da vida difícil de Tuca: ele sempre se afasta quando pensa que estão rindo dele, como se sentisse medo das pessoas rirem do que ele é, do seu nome, da sua classe social. Podemos ver também que ele não tem dinheiro para se alimentar direito, por isso fica com fome no recreio e prefere não sair da sala. A diferença de classe social também é facilmente detectada pelo linguajar de cada protagonista: Tuca, com exagero em gírias e expressões populares; e, Ricardo, com sua fala polida e completa.

A linguagem do conto é simples, de fácil compreensão e demonstra também as diferenças entre esses dois mundos. Marcos Bagno, no seu livro “A língua de Eulália (2000) mostra que cada região ou tribo tem seus costumes e maneira de falar e isso fica claro no linguajar do menino do morro e o menino do centro. Tuca usa gírias diferenciadas, possivelmente de acordo com o que vivencia no seu cotidiano. É possível verificar essas marcas linguísticas nos momentos em que Rodrigo estuda com ele, dando aulas “de reforço” sobre os assuntos que não conseguia compreender na escola como, por exemplo: “ — Puxa, cara, saquei tudo que você me ensinou; acho que você vai ser professor [...] E o Tuca se animando: “Agora, sim, tô sacando! (SANTOS; PINTO, 2016, p. 149-150)

Com as atitudes de Rodrigo, a autora mostra que, apesar das diferenças financeiras, é preciso deixar o preconceito de lado e ajudar as pessoas, conhecê-las melhor antes de julgá-las. Em momento algum, Rodrigo se afastou ou teve receio em se aproximar do aluno novato. Essa reflexão pode ser explorada em sala de aula para debater temáticas importantes como o *bullying*.

No terceiro capítulo, Rodrigo envia outra carta para Guilherme, falando sobre o que resolveu ser quando crescer. Ele pede que o amigo adivinhe o que ele quer ser e depois escreve de cabeça para baixo: professor. Esse episódio mostra a inocência de uma criança ao aspirar ao que quer do futuro. O desejo de se tornar professor mostra o quanto o personagem Rodrigo era humano e tinha um bom coração. Ele explica que resolveu ser professor por causa do novo aluno. Isto nos mostra que a autora quis ressaltar que, apesar das diferenças financeiras, é preciso ter consciência de que é preciso ajudar o próximo, pois essas atitudes fazem bem para todos os envolvidos.

No quarto capítulo, Tuca pergunta ao amigo se ele gosta de pipoca e fala que todo sábado sua irmã faz pipoca para ele. Ele diz que pipoca só é bom na hora e que por isso não traz para eles comerem na sala. Quando acaba de pensar no assunto, convida Rodrigo para ir à sua casa comer pipoca. Combinam de se encontrar na entrada da favela, pois Rodrigo não ia saber subir o morro sozinho.

Nesse momento da narrativa, Rodrigo convida o amigo para almoçar em sua casa antes de irem comer pipoca. Tuca vai até a casa de Rodrigo e fica encantado: os móveis, o cheiro, a estrutura da casa e, principalmente, os bifes que a cozinheira preparava eram sinais de um mundo ao qual Tuca não pertencia. A carne, por exemplo, não era uma realidade possível na vida do bolsista.

Lygia Bojunga utiliza-se do alimento para mostrar as diferentes classes sociais, enquanto a pipoca representa o pobre, o bife representa a classe mais abastada. O bife é um alimento consistente, caro, desejado e pertencente à mesa da família. A carne é um dos produtos que gira a economia do país, como também é fundamental para o ser humano de maneira individualizada, pois é fonte de ferro e zinco e contribui significativamente na absorção de selênio e cobre, isso é, o bife representa nessa narrativa a força, virilidade, economia e riqueza de uma parcela da sociedade. Parcela essa desejada, sonhada por aqueles que não veem nenhuma possibilidade de adquiri-la. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 152).

O quinto capítulo nos conta que Tuca trabalhava ajudando um “cara” a lavar carros dos moradores de um edifício que trabalhava como faxineiro. Mas Tuca explica que assim que chegava ao trabalho o faxineiro ia para um bar da esquina. Dessa forma, Tuca acabava lavando todos os carros sozinho. É no caminho para se chegar a esse trabalho que Tuca apreciava a vista de belos bifés sendo preparados e degustados em um restaurante de elite.

Na esquina, que Tuca relembra, há um restaurante chamado “O Paraíso dos Bifes”. O nome do lugar por si só já sugere um lugar de delícias, que ficavam do outro lado da parede de vidro, protegidas com ar condicionado, distante de seu alcance físico e financeiro. Muitos carros ele teria que lavar para um dia poder saborear um bife daqueles. O abismo representado pela parede de vidro e pela falta de algumas “moedas”. O vidro, substância sólida, dura e que, ao quebrar-se, dilacera, tal qual a fome e o desejo de Tuca, sólida e dilacerante. O vidro, matéria aparentemente frágil, mas que se insurge forte na ideologia cristalizada, é uma representação poderosa nessa simbologia de exclusão do outro. É a moeda que diferencia os homens e suas nações, determinando o valor de cada um, tornando-se um dos mais evidentes signos da degeneração humana. (FIAMANCIONI, 2001, p. 2).

Nesse momento, é possível ter uma noção maior da realidade cruel à qual Tuca é submetido. Além da fome, identificada no início do conto, a questão do trabalho infantil aparece para piorar ainda mais sua condição.

Nesse momento, o narrador conta um pouco da triste realidade de Tuca, como é explorado pelos mais velhos e como a fome faz parte constante da sua existência. Ele trabalha como lavador de carro no contra turno da escola, mas não é numa empresa organizada, mas sim o faxineiro de um prédio, que faz bicos lavando os carros dos moradores, porém é o garoto quem lava e cuida do local, pois quando chega para iniciar o trabalho, o seu “patrão” segue para o bar e o deixa sozinho com todos os afazeres. Essa situação mostra de maneira sucinta a realidade de muitas crianças brasileiras, que são exploradas por pessoas, que muitas vezes poderiam ajudá-las e protegê-las. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 152).

No caminho para o trabalho, ele fica encantado com a variedade de bifés que observa pelo vidro do restaurante. Nesses capítulos, pode-se perceber uma comparação entre a pipoca e o bife: a pipoca é retratada como uma comida para as pessoas pobres e

o bife uma comida para os ricos. O menino pobre tem muita vontade de experimentar o bife e o rico vê a pipoca como uma comida gostosa normal. Isso porque a pipoca é um alimento relativamente barato e a carne de um valor consideravelmente maior. A carne é representada como nobre e a pipoca chama a atenção de Rodrigo, pois provavelmente ele não comia pipoca com frequência na sua casa burguesa.

A pipoca é um alimento simples, barato e de fácil acesso, consumida geralmente em momentos de alegria, lazer, reunião de amigos, momentos passageiros e inconsistentes. Seu corpo demonstrara ausência de nutrientes e talvez por isso não sacie a fome. Representa o garoto Tuca, que era simples e no momento de pressão “estourou” e acabou agindo de forma inusitada e agressiva. Da mesma forma, podendo representar a parte pobre do nosso país: pessoas sofridas, que vivem sob pressão e têm muito pouco a oferecer, por isso acabam se utilizando do que de pior a vida tem, vivendo pequenos momentos de euforia e logo depois a cruel realidade. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 151).

No sexto capítulo, Tuca senta para almoçar na casa de Rodrigo e seu olho tenta acompanhar os movimentos dos pais do seu amigo com as diversas opções de talheres dispostos na mesa. Ele não vê a hora da chegada do prato tão esperado: o bife.

Ao convite de Tuca para comer pipoca no morro, sucedeu a proposta de Rodrigo, para antes almoçarem juntos em sua casa, e só depois subirem o morro. No momento em que Tuca entra na casa de Rodrigo e vê a suntuosidade desta, ele se dá conta da diferença entre suas realidades. Esse é o primeiro momento em que tem a real consciência do abismo, que cada vez mais se presentifica nesse relacionamento. A consciência do mundo circundante causa um impacto que só é superado momentaneamente, quando seus olhos encontram o bife que seria servido no almoço e que lembrava o bife da esquina. (FIAMANCIONI, 2001, p. 2).

Quando a empregada serve uma tigelinha de uma provável sopa, Tuca pensou que aquele fosse o almoço. Ele ficou observando a mãe de Rodrigo e ficou hipnotizado ao ver o anel que tinha em cada dedo. A mãe do garoto percebeu e puxou assunto perguntando se Tuca era filho único. Tuca contou que tinha 10 irmãos. A empregada trouxe os bifos e quando Tuca foi cortar a carne com a faca, o bife escorregou para fora do prato, deslizou pela toalha e caiu no tapete bege clarinho. Criou-se, a partir desse ocorrido, uma grande confusão. Não em relação a servir novamente Tuca e deixá-lo confortável, mas uma confusão em torno de como limpar o tapete. A mãe e a empregada começam a dialogar incessantemente sobre como solucionar esse dilema.

A família estava reunida para o almoço, o ambiente era luxuoso, como já dito, sob a mesa e cadeira repousava um belíssimo tapete clarinho e felpudo. Esse tapete também demonstra o poder aquisitivo daquela família. Durante o almoço, Tuca, que não estava habituado com talheres, fez com que o bife escorregasse exatamente para cima daquele tapete. Viu seu sonho desmoronar e cair em algo que parecia ser mais importante do que ele próprio. Todos correram para acudir o tal tapete, para não manchar e não engordurar, mas ninguém se preocupou em

socorrer um ser humano que estava gritando silenciosamente por ajuda. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 152).

Percebe-se, nesse capítulo, a diferença existente no mundo dos dois garotos. Tuca fica muito sem graça quando acaba deixando todo o almoço cair, fica muito triste também, pois perde a chance de experimentar a carne tão desejada. Já a família de Rodrigo não se atenta aos sentimentos do garoto e se preocupam com bens materiais, no caso, o tapete.

Quando o bife finalmente é servido, um constrangimento maior antecipa a degustação deste, pois, ao manejar os talheres, coisa com a qual não está habituado, Tuca acaba por derrubar seu alimento no tapete. A “cena” toda que isso desencadeia seria cômica se não fosse tão trágica ao garoto, cuja vergonha e aflição fazem-no perder a fome e desejar sumir. A preocupação exagerada com o tapete e com a mancha que o bife possa deixar é narrada de forma quase caricata, o que agride ainda mais Tuca, deixando-o apreensivo e diminuído diante do grupo. (FIAMANCIONI, 2001, p. 3).

No sétimo capítulo, Tuca diz que é melhor eles ficarem por lá mesmo, pois estava muito calor para subir o morro. Mas Rodrigo não aceitou. Quando foram subir o morro Tuca foi à frente quase correndo. Ele estava preocupado com o que Rodrigo ia achar da casa dele. “E o Rodrigo ia olhando cada barraco, cada criança, cada bicho, vira-lata, porco, rato, olhando tudo que passava: bonito? estrela? cadê?” (BOJUNGA, 2009, p.69). Rodrigo ficou assustado ao ver toda aquela gente vivendo feito bicho, pois ele nunca tinha entrado em contato com a realidade dessas pessoas, que era diferente da qual ele vivia.

Tuca vive na favela com mais dez irmãos, a mãe alcoólatra e um pai que sumiu no mundo, onde a irmã mais velha é responsável pelos irmãos, alguns dos quais não trabalham, mas “se viram”. Mora num barraco tão pequeno que caberia na cozinha do apartamento em que mora Rodrigo, filho único, cuja família retrata o modelo ideológico convencional: pai, mãe, filho e, acrescentando-se aí, uma empregada. Quebra-se também o mito da família “sagrada”. Com o desmantelamento do modelo ideal de família, novos valores e padrões se estabelecem. Na família do morro, o nível de tensão é mais evidente, ao passo que na família de Rodrigo, é simulado, deixando transparecer um nível de equilíbrio e harmonia que é apenas superficial, já que não se veem envolvidos sentimentos, nem calor humano. É uma família destituída de “paixões”, em cujo seio imperam as convenções sociais. (FIAMANCIONI, 2001, p. 3).

Rodrigo ficou reparando a casa de seu amigo em que havia apenas dois cômodos pequenos, um puxado e uma porta que estava fechada. Juntando tudo, era menor que a cozinha da casa de Rodrigo. Tuca mostrou ao garoto a vista legal que tinha lá de cima. Depois de pouquíssimo tempo, Tuca chamou Rodrigo para ir embora, pois já havia mostrado onde ele morava e o convidou para ir mais vezes a sua casa. Mas Rodrigo queria comer a pipoca. Então, Tuca foi até a casa da vizinha e pegou a chave do quarto

que estava trancado, ao abrir a porta havia uma mulher deitada no colchão e a pipoca toda esparramada pelo chão.

Nessa mesma situação é mostrada a vasilha de pipoca caída ao chão e de ponta cabeça e as crianças devorando os pontinhos brancos espalhados pelo chão. A vasilha pode nos remeter ao mundo daqueles pequenos seres, que estava de ponta cabeça e a pipoca espalhada eram as poucas oportunidades que lhes seriam servidas, caso não fizessem alguma coisa para mudar tal realidade. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 153).

Rodrigo ficou de olho arregalado. Tuca disse que não tinha mais nada o que fazer ali e empurrou Rodrigo para fora do barraco.

A “casa” de Tuca evidencia a realidade de grande parte dos moradores do Rio de Janeiro e pode ser estendido para várias outras cidades do país, uma casa minúscula onde vivem muitas pessoas. O barraco apresentado a Rodrigo tinha uma porta fechada, o ambiente que se via era ruim, mas quando a tal porta foi aberta, a miséria foi escancarada e nesse momento Bojunga apresenta ao seu leitor não só as diferenças sociais, mas também o problema do alcoolismo e como ele pode piorar a situação de qualquer pessoa. A mãe de Tuca estava jogada numa cama, sem ao menos conseguir se levantar ou falar alguma coisa, ainda que tentasse. Ela representa os milhares de brasileiros que se entregam ao álcool para tentar fugir dos problemas, mas que só conseguem aumentá-los, pois são incapazes de alçar voz e pedir socorro, falar o que se pensa e tão pouco são capazes de se levantar, tomar uma atitude, partir para a ação para tornar a vida melhor, mais aprazível e fácil de se viver. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 153).

“O Rodrigo chegou de língua de fora: o Tuca tinha descido tão depressa que mais parecia um cabrito.” (BOJUNGA, 2009, p. 74). Tuca ficou nervoso e constrangido, acabou dizendo ao Rodrigo que não dava para eles serem amigos, pois Rodrigo cheirava a talco e ele a lixo. Explica que, quando sua irmã tranca sua mãe daquele jeito, é porque ela já está bêbada. No momento de raiva e revolta, Tuca empurrou o amigo em um lamaceiro e a amizade é interrompida naquele ato.

A narrativa gira em torno do sentimento da desigualdade e preconceitos entre ricos e pobres, que podem se respeitar, porém dentro de um ambiente neutro, pois, quando o garoto da favela vai ao apartamento luxuoso, se sente inferior, quando o garoto rico sobe o morro se sente enojado e triste com tudo o que vê, mas era na beira do rio, um local neutro, que não representava a realidade de nenhum deles, que se sentiam à vontade, iguais. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 149).

Nesse capítulo, podemos perceber que Rodrigo nunca tinha subido para a favela, então não sabia como eram as coisas por lá. Ele fica assustado e não entende a reação de Tuca. Rodrigo vivia muito bem e não poderia imaginar que aquela realidade assustadora de Tuca poderia existir. Percebemos também que os meninos acabam brigando por serem de classes financeiras diferentes.

Esse momento é o ápice da narrativa, o embate entre Rodrigo e Tuca, entre ricos e pobres. Estando Tuca em seu território, se sente no direito de humilhar o outro, de fazer com que sentisse o cheiro da pobreza, que tivesse em suas roupas, em seu corpo as marcas da miséria e, dessa forma, imaginasse que em algum momento o rico sofreria como ele ou até mesmo se igualariam. Porém esse momento de igualdade foi pequeno, pois logo cada um volta para a sua realidade, mas certamente o leitor se humaniza com toda a narrativa, pois vivencia intensamente as grandes diferenças entre as duas realidades. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 153).

A autora nos mostra a inocência das crianças, pois Rodrigo não entendia o porquê da sua vida ser totalmente diferente da vida de Tuca. Ele não entendia como podiam existir dois mundos tão distintos e tão próximos. A favela não era como ele imaginava e ele não tinha ideia de como as pessoas poderiam sobreviver ali.

“O bife e a pipoca”, apresenta como protagonistas Rodrigo e Tuca, este pobre, morador da favela, de família imensa, com a necessidade de trabalhar, esforçado, mas com dificuldades na escola; aquele rico, morador de um edifício nobre, filho único, cheio de regalias e comodidades, inteligente e estudioso. São muito diferentes e apenas compreendem a própria realidade quando conhecem o espaço em que o outro vive. O espanto aparece em ambos os casos, seja quando Tuca conhece as coisas boas que não possui, seja quando Rodrigo repara a falta de coisas que considera essenciais na vida de outras crianças como ele. (LARANJA, 2013, p. 272).

Dias se passaram, os amigos estavam se evitando, mas Tuca queria retomar a amizade. Em determinado dia, ele toma coragem e pergunta ao garoto se ele sabia pescar. Acaba sendo um bom gatilho para que os amigos voltassem a conversar. Um convite de pescaria é feito, e os dois retomam sua amizade com os encontros para pescar na praia.

Tuca convida Rodrigo para pescar e é nesse espaço – a praia – que eles anulam as diferenças e podem ser amigos. Ambos os protagonistas sofreram com a violenta desigualdade social, contudo, a partir dessa experiência, compreenderam o outro, o diferente, e assim compreenderam melhor a si próprios e se aceitaram. (LARANJA, 2013, p. 272).

Nesse capítulo, observamos que, apesar de todas as diferenças, os meninos encontram algo em comum e continuam muito amigos. Rodrigo estava chateado com Tuca pela sua reação na favela, em ter ficado bravo e o empurrado. Ele não se afastou de Tuca por Tuca ser pobre e morar em condições terríveis na favela. Por sua vez, Tuca estava envergonhado com Rodrigo e com o tempo percebeu que não queria deixar de ser seu amigo por motivos de diferenças sociais.

No último capítulo, Rodrigo manda um bilhete a Guilherme, dizendo que ele havia pescado, que estava muito feliz por isso. Ele conta que todos os sábados ele e Tuca combinaram de ir pescar e que Tuca estava ensinando para ele muitos truques de pescaria. Pode-se perceber que, nesse capítulo, a autora nos mostra que, mesmo com as

diferenças, os meninos encontram algo que os satisfaz por igual. Os dois gostam de pescar mesmo que sejam totalmente diferentes um do outro, e isso é o que os faz serem mais amigos. As diferenças sociais são totalmente esquecidas pelas crianças; o realmente importa é o afeto e carinho que sentem um pelo outro.

Metaforicamente, o bife representa Rodrigo – o luxo, enquanto a pipoca representa Tuca – o lixo. Na concepção de Tuca, Rodrigo não compreenderia sua situação apenas olhando, era necessário sentir na pele, literalmente. Por isso, joga o amigo na lama, pois o “cheiro de talco” não combinava com o que ele vivia. A consequência dessa atitude, apesar de violenta, não foi negativa. Ao penetrar no lixo, parece que as diferenças somem e aparece o que há em comum entre os garotos: o desejo de estabelecer uma amizade, de encontrar afinidades. Na sequência do enredo, os garotos ficam certo tempo sem se falar, depois tudo parece voltar ao normal. (LARANJA, 2013, p. 272).

Rodrigo se aproxima de Tuca durante a narrativa, mas não esquece e não deixa sua amizade com Guilherme de lado. Prova disso é que, mesmo com a distância, o amigo continua sendo leal na troca de cartas, desabafos e até o visita em determinado momento. Mais uma prova de que as crianças são verdadeiras e puras em suas relações afetivas.

### ***Preenchendo as lacunas do texto: as percepções do leitor***

Durante a leitura do conto *O bife e a pipoca*, a autora não explica minuciosamente todas as questões que envolvem a narrativa. Ela não explica, por exemplo, a diferença entre o bife e a pipoca. Mas o leitor consegue perceber que o título se refere à diferença de classe social entre os dois protagonistas, visto o valor financeiro discrepante dos dois alimentos.

O conto "O bife e a Pipoca", de Lygia Bojunga, dialoga com seu leitor que se vê movido a questionar a si mesmo e a realidade que o envolve. Dessa maneira, a criança ou o jovem leitor emancipam-se, pois, ao se identificar com uma das personagens e se sentir responsável e transformado pelas intrigantes questões que promovem a reflexão, podem ampliar seus horizontes de expectativas. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 144).

De acordo com Liliane Lenz dos Santos e Aroldo José Abreu Pinto, no artigo intitulado *O bife a pipoca, de Lygia Bojunga: opção pela emancipação do leitor*, a escritora Lygia Bojunga dialoga, todo tempo, com o leitor, fazendo com que ele consiga se identificar com um dos protagonistas e possa refletir sobre o conto. Os estudiosos ressaltam:

O estilo literário de Lygia Bojunga lhe é característico. Ela faz com que suas personagens cresçam e amadureçam no decorrer da trama; mistura o real e a fantasia de forma equilibrada, o que a diferencia de vários autores da literatura infantil e juvenil, título que a autora, em entrevista, afirmou não gostar por ser uma visão limitadora. Haja vista que muitos autores procuram criar obras mercadológicas, nem sempre humanizadoras, pois seus interesses estão nas vendas e não na emancipação do leitor. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 144).

Bojunga proporciona ao leitor emancipação. Emancipar significa tornar(-se) independente; libertar(-se). Assim, o leitor de Lygia Bojunga tem o poder de transitar pela leitura preenchendo possíveis lacunas do texto que o levam a pensar e a deduzir questões sobre certo e errado, realidade social e diversos problemas do dia a dia.

Os sentimentos vividos nesse conto demonstram a emancipação da obra, pois Bojunga procura mostrar a realidade daqueles garotos naquela situação, mas essa pode ser estendida a qualquer outra parte do país ou do mundo, de forma que qualquer leitor se identifique com a história e consiga viver as mesmas emoções que Rodrigo e Tuca viveram. Dessa maneira a autora permite que o terceiro elemento, isso é, o leitor, preencha os vazios que ela deixou, porque a história tem sentido dentro da realidade de cada um. (SANTOS; PINTO, 2016, p. 149).

Essa emancipação do leitor faz com ele reflita a cada parágrafo lido e possa, mesmo em narrativas com fantasia, fazer relações e considerações sobre o mundo real. “Os símbolos utilizados no conto nos demonstram isso, pois através de dois simples alimentos foi possível vislumbrar duas realidades tão diferentes e outros elementos que usou para fazer pensar ao que lê” (SANTOS; PINTO, 2016, p. 155).

Para verificar como as crianças recebem o conto de Lygia Bojunga, realizamos a leitura dele para crianças do sexto ano do Ensino Fundamental II. A experiência foi gratificante, pois os alunos realizaram uma densa discussão sobre desigualdade social, amizade verdadeira, *bullying*, família, preconceito e solidariedade.

### *Considerações finais*

O conto “O bife a pipoca”, de Lygia Bojunga, chama a atenção desde a simples leitura do título. O gosto pela leitura se atenua ainda mais ao percebermos a simbologia causada pela escolha desses dois elementos. O bife, tão presente na mesa do protagonista Rodrigo, e a pipoca, alimento possível na casa de Tuca, apresentam o distanciamento entre as vidas tão distintas dos dois garotos. Para Mazilda Fiamancioni são elementos “que desencadeiam uma aproximação mais estreita que os levará a uma conscientização, não só das distinções que vigoram entre seus mundos, como também encadeará o processo de autoconhecimento dos protagonistas” (FIAMANCIONI, 2001, p. 2).

Apesar da gritante desigualdade social que os cerca, a amizade é selada em compartilhamento do lanche na hora do recreio; aulas voluntárias de reforço; até uma pescaria compartilhada. Os adultos não se apresentam como protagonistas, pois quem faz acontecer o grande elo entre Tuca e Rodrigo são as atitudes solidárias, inocentes e humanas advindas das crianças.

Lygia Bojunga não precisou explicar detalhadamente cada etapa da narrativa. A emancipação dos leitores acontece justamente ao conseguirem compreender os paralelos e as possíveis reflexões sozinhos. E isso pode ser um excelente caminho literário a se seguir na sala de aula, propondo leituras emancipadoras aos alunos.

Para verificar quão válida seria essa proposta, o Anexo I do presente texto apresenta três trabalhos de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II após

realizarem a leitura do conto. Os desenhos mostram como o entendimento da narrativa foi realizado com sucesso; e, a aula foi carregada de discussões e considerações pertinentes no que diz respeito aos vários temas reais e necessários abordados pela autora.

Ler Lygia Bojunga é aprender, conhecer, distinguir e refletir.

### **Referências**

BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. 18. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.

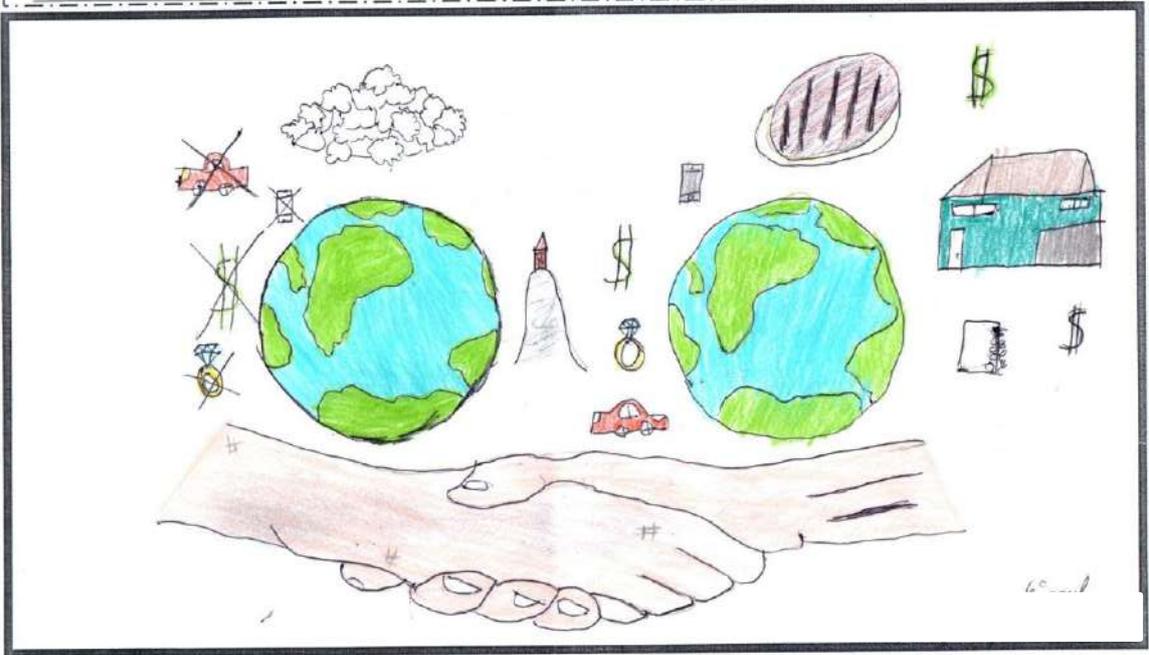
SANTOS, Liliane Lenz dos; PINTO, Aroldo José Abreu. O bife e a pipoca, de Lygia Bojunga: opção pela emancipação do leitor. *RELVA*, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 1, p. 143-156, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27469027-O-bife-e-a-pipoca-de-lygia-bojunga-opcao-pela-emancipacao-do-leitor.html>. Acesso em: 30 ago. 2019.

LARANJA, Michelle Rubiane da Rocha. Tchau: um livro de contos?. *Anais do CENA*, v. 1, n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wp-content/uploads/2014/02/cena3\\_artigo\\_34.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wp-content/uploads/2014/02/cena3_artigo_34.pdf). Acesso em: 30 ago. 2019.

FIAMANCIONI, Mazilda. Do bife à pipoca: conexões além do possível. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 1, n. 2, jan./jun. 2001. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/185](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/185). Acesso em: 30 de ago. de 2019.

### ANEXO 1

Conto - "O bife e a pipoca": *Os bife e a pipoca não importa no fim todos vão para o mesmo lugar, sem levar nada consigo, a única coisa que levamos são as atitudes que fizemos durante nossa vida no mundo.*



Conto - "O bife e a pipoca": *Um em mãos ao lado, outros chinando a falco.*



Conto – “O bife e a pipoca”: *A pipoca era barata e o bife era caro.*

